

# Entre movimentos, linhas e formas: o bordado na prática docente

**Danielle Gouveia Fernandes**

*Mestra em Humanidades pela Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira – UNILAB*  
*danigfernandes@hotmail.com*

**Jeannette Filomeno Pouchain Ramos**

*Doutora em Educação pela Universidade Federal do Ceará – UFC*  
*Professora na Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira – UNILAB*  
*ramosjeannette@unilab.edu.br*

## Resumo

Este artigo apresenta os resultados de uma pesquisa empírica que adotou o bordado como ponte que integra teoria, vivência corporal e expressão gráfica em uma prática pedagógica desenvolvida em estágio docente na componente disciplinar “Corpo, Dança Afro e Educação” do curso de Graduação em Pedagogia da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (UNILAB). Tal disciplina tem por objetivo compreender a tríade *humanidade, cultura e conhecimento* (Cortella, 1998) partindo da filosofia africana do *batucar, cantar e dançar* (Ligiéro, 2011). A discussão do papel da arte na educação e do uso do bordado como meio de expressão individual faz parte de uma abordagem que busca uma metodologia pautada pela formação integral do cidadão. Os resultados indicam que combinar conhecimento teórico, vivência corporal dos conteúdos e expressão gráfica das percepções e sensações na educação de adultos demandam uma metodologia que integre aspectos sensíveis da formação humana à prática pedagógica. Essa experiência docente ressaltou a importância do respeito ao movimento singular de aprendizagem do aluno – mesmo nos momentos em que se recusa a participar. Na abordagem adotada, a arte é indispensável para acessar conteúdos sensíveis do indivíduo, do grupo e dos conhecimentos historicamente sistematizados, indo ao encontro do que propõem Read (1986) – que entende a arte como mediadora na educação – e Ostrower (1977) – que defende ser a criatividade inerente ao ser humano em todas as esferas do viver.

**Palavras-chave** arte; movimento; bordado; prática docente; pedagogia.

---

## Conhecer: debate entre o público e o privado

2019, Vol. 09, nº 23

ISSN 2238-0426

DOI 10.32335/2238-0426.2019.9.23.1284

Licença Creative Commons Atribuição (CC BY 4.0)

Data de submissão 20 mar 19

Data de publicação 01 ago 19

---

## Between movements, yarns, and shapes: embroidery in teaching practice

### Abstract

This article reports the results of an empirical research that adopted embroidery as a bridge between theory, body experience, and graphic expression in a pedagogical practice developed during a teaching internship in the subject component 'Body, Afro Dance, and Education' of the Undergraduate Course in Pedagogy of the University for International Integration of the Afro-Brazilian Lusophony (UNILAB). This course subject aims to grasp the triad *humanity, culture, and knowledge* (Cortella, 1998) based on the African philosophy of *drum beating, singing, and dancing* (Ligiéro, 2011). Discussing the role of art in education and the use of embroidery as a means of individual expression is part of an approach that seeks a methodology grounded in citizen's comprehensive education. The results indicate that combining theoretical knowledge, body experience with contents, and graphic expression of perceptions and sensations in adult education requires a methodology that interconnects sensitive aspects of human education to pedagogical practice. This teaching experience underscored the importance of respect for the student's unique learning movement – even at times when she/he refuses to participate. In the approach adopted, art is indispensable to access sensitive contents of the individual, the group, and historically systematized knowledge, moving towards what is proposed by Read (1986) – who sees art as a mediator in education – and Ostrower (1977) – who advocates that creativity is inherent to human beings in all spheres of life.

**Key words** art; movement; embroidery; teaching practice; pedagogy.

## Entre movimientos, hilos y formas: el bordado en la práctica docente

### Resumen

Este artículo presenta los resultados de una investigación empírica que adoptó el bordado como un puente entre teoría, vivencia corporal y expresión gráfica en una práctica pedagógica desarrollada durante una pasantía docente en la componente de asignatura "Cuerpo, Danza Afro y Educación" del curso de Pregrado en Pedagogía de la Universidad de Integración Internacional de la Lusofonia Afro-Brasileña (UNILAB). El objetivo de esta asignatura es comprender la tríada *humanidad, cultura y conocimiento* (Cortella, 1998) basada en la filosofía africana de *tocar tambor, cantar y bailar* (Ligiéro, 2011). La discusión del papel del arte en la educación y del uso del bordado como medio de expresión individual forma parte de un enfoque que busca una metodología pautada por la formación integral del ciudadano. Los resultados indican que combinar conocimiento teórico, vivencia corporal con los contenidos y expresión gráfica de las percepciones y sensaciones en la educación de adultos exige una metodología que interconecte aspectos sensibles de la educación humana con la práctica pedagógica. Esta experiencia docente subrayó la importancia del respeto por el movimiento singular de aprendizaje del alumno – incluso en momentos en que él se niega a participar. En el enfoque adoptado, el arte es indispensable para acceder a los contenidos sensibles del individuo, del grupo y del conocimiento sistematizado históricamente, avanzando hacia lo que proponen Read (1986) – que ve el arte como un mediador en la educación – y Ostrower (1977) – que defiende que la creatividad es inherente a los seres humanos en todas las esferas de la vida.

**Palabras clave** arte; movimiento; bordado; práctica docente; pedagogía.

---

## Entre movimentos, fils et formes: la broderie dans la pratique pédagogique

### Résumé

Cet article présente les résultats d'une recherche empirique ayant adopté la broderie comme un pont entre la théorie, l'expérience corporelle et l'expression graphique dans une pratique pédagogique développée au cours d'un stage d'enseignement dans la composante disciplinaire «Corps, Danse Afro et Education» du cours de Premier Cycle en Pédagogie de l'Université d'Intégration Internationale de la Lusophonie Afro-Brésilienne (UNILAB). L'objectif de ce sujet est de comprendre la triade *humanité, culture* et *savoir* (Cortella, 1998) basée sur la philosophie africaine *du tambour, du chant et de la danse* (Ligiéro, 2011). La discussion du rôle de l'art dans l'éducation et de l'utilisation de la broderie comme moyen d'expression individuelle s'inscrit dans une approche qui cherche une méthodologie fondée sur une formation intégrale du citoyen. Les résultats indiquent que la combinaison des connaissances théoriques, de l'expérience corporelle avec les contenus et de l'expression graphique des perceptions et des sensations dans l'éducation des adultes nécessite une méthodologie qui interconnecte les aspects sensibles de l'éducation humaine à la pratique pédagogique. Cette expérience d'enseignement a souligné l'importance du respect du mouvement d'apprentissage unique de l'élève – même lorsqu'il refuse de participer. Dans l'approche adoptée, l'art est indispensable pour accéder aux contenus sensibles de l'individu, du groupe et du savoir historiquement systématisé, en direction de ce que propose Read (1986) – qui considère l'art comme un médiateur en éducation – et Ostrower (1977) – qui défend le fait que la créativité est inhérente aux êtres humains dans tous les domaines de la vie.

**Mots-clés** art; mouvement; broderie; pratique pédagogique; pédagogie.

### Introdução

No âmbito do Mestrado Interdisciplinar em Humanidades da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (MIH/Unilab), a experiência aqui relatada se desenvolveu em estágio docente na componente disciplinar “Corpo, Dança Afro e Educação” do curso de Graduação em Pedagogia da própria Unilab. Como definido no plano de ensino da disciplina, os objetivos foram distribuídos em duas unidades (Quadro 1).

**Quadro 1** – Unidades e objetivos da componente disciplinar “Corpo, Dança Afro e Educação”

N	Unidade	Objetivos
I	Humanidade, cultura e conhecimento: Brasis e Áfricas	Compreender os fundamentos das tríades <i>humanidade, cultura e conhecimento e batucar, cantar e dançar</i> . Observar o corpo, a natureza e a espiritualidade sob uma perspectiva de despertar/reconectar a educação dos sentidos. Cirandas rítmicas e brincadeiras de roda, de frente e de comboio africanas e afro-diaspóricas.

II	Batucar, cantar e dançar nos Brasis e Áfricas	<p>Conhecer e vivenciar diferentes formas de expressão da cultura no corpo, na dança, no encanto cá e acolá.</p> <p>Educar dançando: princípios, práticas de desenvolvimento humano integrado.</p> <p>Vivenciar danças africanas e afro-diaspóricas: dança dos orixás e iabás, maracatu, coco e forró. Dança de abraço: baião e milonga.</p> <p>Investigar e vivenciar manifestações artísticas comunitárias de dança no Maciço de Baturité.</p>
----	-----------------------------------------------	--------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------

Fonte: Elaborado pelas autoras.

A metodologia de ensino proposta pela professora titular da disciplina, por sua vez, consistia em aulas expositivas e participativas para que os estudantes vivenciassem, discutissem, refletissem, sistematizassem e apresentassem conceitos e práticas a partir de: a) conteúdos propostos; b) leitura e fichamento textual com produções artísticas; c) observação e registro do corpo, das danças afro e da educação; e d) vivências de corpo, arte, dança etc.

O desafio era discutir o uso do bordado como meio de expressão individual. Entretanto, como fazê-lo se a proposta da disciplina é trabalhar corpo e movimento? A disponibilidade dos alunos em trilhar esse caminho foi, sem dúvida, o grande facilitador da metodologia, que envolvia assuntos de linhas e agulhas.

Desde o início, nosso objetivo foi desenvolver uma metodologia capaz de facilitar a expressão gráfica dos alunos, tendo como meio a prática do bordado. Assim, indo ao encontro da proposta freireana que nos guia, segundo a qual o espaço pedagógico é lugar de aprendizado mútuo na relação entre docente e discente, sem impor um conhecimento vertical nem subestimar o saber que o educando traz consigo, partimos de uma visita à sala de aula para conhecer a dinâmica estabelecida e as práticas pedagógicas. O uso do desenho como meio de expressão já fazia parte da metodologia realizada em sala de aula, mas, com poucas exceções, verificou-se a busca por um grafismo de representação e não de expressão, o uso de decalques e alguns depoimentos, como o corrente “não sei desenhar”.

Destacamos que a resistência ao desenho tem sido uma constante em nossa jornada como pesquisadoras – na verdade, ela estimula nossa caminhada. O nível de cobrança para elaborar um desenho idealizado, o abandono da prática do desenho por se entender que falta o dom necessário para tal são apenas alguns dos aspectos que limitam nossa capacidade de expressão. Em nosso entender, essas são falsas limitações historicamente construídas cuja consequência é a divisão entre *artes manuais* e *belas artes* – dentre estas se encontra o desenho, com sua aura mítica destinada a diletantes e a portadores de uma dádiva divina.

A prática docente se organizava em um ritmo com três momentos distintos, que se interpenetravam, transversalizando o conteúdo abordado, quais sejam: a) retrospectiva da aula anterior; b) discussão teórica de um novo texto; e c) vivência aliando o conteúdo e o movimento corporal. Assim, a proposta deveria ser implementada nessa dinâmica, ou seja, devíamos nos readaptar com as aulas já em andamento.

Partindo do movimento próprio da turma, fomos apresentando a proposta aos poucos e, passo a passo, os discentes foram aceitando os convites para um movimento diferente, mais minucioso, que exigia novas habilidades, como colocar uma linha na agulha, e que se prolongava até o nosso próximo encontro, quando surgia o convite para uma nova dança.

**Figura 1** – Materiais utilizados



Fonte: Acervo pessoal das autoras.

## Da metodologia proposta

Foram realizados três encontros. No primeiro se trabalharam aspectos relativos à consciência de si, do corpo e do movimento individual; no segundo, a consciência do grupo, movimento e ritmo; e no terceiro houve discussão das vivências em bordado realizadas, bem como exposição dos trabalhos.

Discutia-se o texto e posteriormente se realizavam vivências com o objetivo de combinar o conhecimento teórico à vivência corporal, ou seja, ligar a teoria ao movimento interior subjetivo e singular, ativando o que Steiner (2012, p. 11) denomina *sentido do movimento*:

---

[...] não se trata de podermos andar de lá para cá, mas daqueles movimentos que eu sinto em mim quando movimento meus membros ou quando falo; são, portanto, os movimentos internos os que são compreendidos como sentido do movimento. Quando eu movimento fora de mim, também me movimento dentro de mim.

Diante das vivências, empreendemos a busca por fixar esse movimento em imagem, que, por sua vez, dificilmente obedece aos comandos de nosso estereótipo imagético particular. Assim, buscava-se uma expressão única capaz de retratar o vivido em sala de aula, liberta das formas e, por conseguinte, dos julgamentos acerca de quem sabe ou não desenhar. Destacamos que não se procurava psicologizar tal processo ou mesmo interpretar os desenhos, mas libertar o traço dos discentes e demonstrar que o desenho deve estar a serviço deles em vez de subjugá-los a uma crítica marcada pelo “sei x não sei” ou “feio x bonito”.

Desse modo, após a vivência se elaborava um desenho em papel que expressasse os sentimentos, os movimentos e as sensações, proporcionando maior liberdade para modificá-lo, rasurá-lo e até descartá-lo. A expressão gráfica sempre constitui um desafio quando realizada com adultos nos mais diferentes espaços. Entretanto, na sala de aula, as pessoas se mostraram bem mais dispostas a lançar mão de tal ferramenta.

Com o desenho em mãos, os alunos deveriam replicá-lo em bordado – atividade desenvolvida em casa e apresentada em sala no encontro seguinte. Não havia tempo suficiente para abordar pontos de bordado complexos, mas o objetivo não era fazer dessa atividade um obstáculo à prática proposta, visto que era o primeiro contato com linhas e agulhas de muitos.

Foram escolhidos dois pontos simples (ponto de alinhavo e ponto atrás), demonstrando as inúmeras possibilidades gráficas proporcionadas por eles, em consonância com a proposta de oferecer ao discente uma nova experiência pedagógica em vez de “bloqueá-lo” por se sentir incapaz de lidar com tal prática.

A representação imagética continua sendo uma barreira na idade adulta, como ocorre na infância; o aprimoramento do senso crítico alerta com frequência cada vez maior quando o desenho não corresponde à realidade. Em geral, é nessa fase que o aluno para de desenhar, por crer que não sabe fazê-lo. O desejo de obter uma representação realista, combinado tanto à falta de capacidade gráfica e motora para tal quanto ao costume da escola manter as crianças em um eterno exercício de colorir desenhos prontos, além da elaboração de decalques e cópias de imagens pré-estabelecidas, acabam levando a criança a abandonar a prática do desenho.

Bernard Blot (1982), discorrendo sobre a prática do desenho com crianças, divide as experiências em 3 grupos, segundo a faixa etária, quais sejam: a) até os 6 anos; b) dos 6

---

aos 9 anos; e c) a partir dos 9 anos. Na faixa até os 6 anos, a criança parte do ponto e vai em busca de dominar as outras formas, em completa abstração figurativa, refletindo seu mundo interior. Na segunda faixa, dos 6 aos 9 anos, a criança faz o movimento de partir do objeto, tentando reproduzi-lo, em vez de partir de seu mundo interior. O último período é considerado o mais crítico – é nele que muitos de nós paramos de desenhar.

De modo rápido, embora gradual, a criança passa do realismo intelectual ao realismo visual. Ela descobre o espaço e adquire, em particular, a noção de profundidade. Desgraçadamente, esbarra nas suas carências técnicas. Percebe o vazio da reprodução fiel da realidade; mas esta tomada de consciência torna-se (e seria interessante saber por quê) inibidora para ela. [...] O fato é que a partir desse momento, e cada vez mais (até o fim da adolescência na verdade, se é que então ela ainda está desenhando e pintando) a criança copia. Mas ela tem também consciência da imperfeição das suas cópias, as quais não conseguem, aliás, equilibrar o seu sentimento de impotência. Ela desanima, e passa a fazer decalques. Decepciona-se mais e mais; sente vergonha, e abandona: é o famoso “eu não sei desenhar” (Blot, 1982, pp. 127-128).

O abandono do desenho, aliado a uma prática pedagógica amplamente difundida que prioriza a formação para o trabalho, acaba reforçando a ideia de que o desenho e as artes, de modo geral, são coisas de artistas e não de pessoas comuns. Ocorre que essa ideia nos “apequena” diante de um conhecimento tão importante para nossa formação integral, além de manter o discurso segundo o qual as artes são reservadas aos eleitos, aos chamados “talentosos”, aos diletantes. Quando entendemos o importante papel social da arte na formação para a cidadania, percebemos a relevância de favorecer o pensamento crítico e questionar o lugar reservado às artes, especialmente na formação de professores.

Em outros termos, em palavras de hoje, as leis estéticas são inerentes aos processos biológicos da própria vida; são essas leis que conduzem a vida pela trilha do bem-estar e da eficiência; e é o nosso dever profissional, como educadores, descobrir essas leis na natureza ou na experiência e torná-las o princípio de nosso ensino. Equilíbrio e simetria, proporção e ritmo, são fatores básicos na experiência: na verdade, são os únicos elementos por meio dos quais a experiência pode ser organizada em padrões que permaneçam, e é por sua própria natureza que implicam harmonia, economia e eficiência. O que é sentido como correto funciona corretamente, e o resultado, ao ser medido pela consciência do indivíduo, é um senso elevado de prazer estético (Read, 1986, p. 29).

---

Assim, considerando o grande fosso criado entre o contato com a arte no ensino infantil até a idade adulta, entendemos que o desafio inicial é buscar ultrapassar a primeira barreira do “não sei desenhar”, apresentando outras possibilidades de expressão que não apenas a figurativa<sup>1</sup>, bem como aliar o desenho a outras vivências que facilitem uma expressão gráfica própria; para tanto, recorreremos à prática do bordado.

Largamente utilizado como adorno em peças de vestuário e decoração, o bordado se apresenta nessa metodologia como um meio de expressão, indo além de uma visão decorativa e utilitarista, mostrando-se capaz de aliar concentração, ritmo e movimento, bem como de manter a experiência vivida em sala de aula em um contínuo no tempo, o que favorece aquilo que Ostrower (1977) denomina *tensão psíquica* nos processos criativos individuais.

Em qualquer campo de criação, o indivíduo teria que ser capaz de sustentar um estado de tensão, de concentração espiritual e emocional, de conscientização de si, de um longo esforço de produção, por semanas, meses, anos, pelo tempo que possa durar um trabalho. [...] A maior importância, por isso, deve ser dada à qualidade do engajamento interior do indivíduo e à sua capacidade renovadora, isto é, à sua capacidade de se concentrar e de ao retomar o trabalho poder retomar o estado inicial da criação, *alcançar e manter a atenção nesse nível profundo de sensibilização*. É o que conta. Significa reencontrar a tensão dinâmica da intencionalidade, motriz do fazer. O indivíduo não precisa “buscar inspirações”. Ele se apoia em sua capacidade de *intuir nas profundezas de concentração em que elabora o seu trabalho* (Ostrower, 1977, pp. 73-74, grifo da autora).

Nesse caso, o bordado assume um papel capaz de garantir o desenvolvimento e a manutenção de processos criativos individuais, não se visando, assim, a utilizá-lo para desenvolver personalidades domesticadas, como ocorreu ao longo da história com a educação de mulheres, desde aquela que os jesuítas ofereciam às índias (Alegre, 1988).

Junto com o desenho, o uso do bordado na prática pedagógica, além de suas referências ancestrais, constitui meio de germinação do conhecimento e linguagem específica de expressão individual nas vivências em sala de aula – independente do gênero em questão.

---

<sup>1</sup> A expressão figurativa advém do conceito de arte figurativa, na qual impera o realismo, ou seja, retrata-se fielmente o que se vê.

---

## Entre movimentos, linhas e formas

Após uma aula de observação, definimos que seriam discutidos dois textos. Em grupo, a estagiária e a professora titular seriam responsáveis pela condução das vivências, cabendo à estagiária as práticas individuais de desenho e bordado, destacando-se o fato de que toda atividade dos discentes também deveria ser realizada pela estagiária e pela professora. Dessa forma, ocupávamos o lugar de parte que vive e compartilha com os discentes o aprendizado promovido, em uma relação circular de troca de aprendizados.

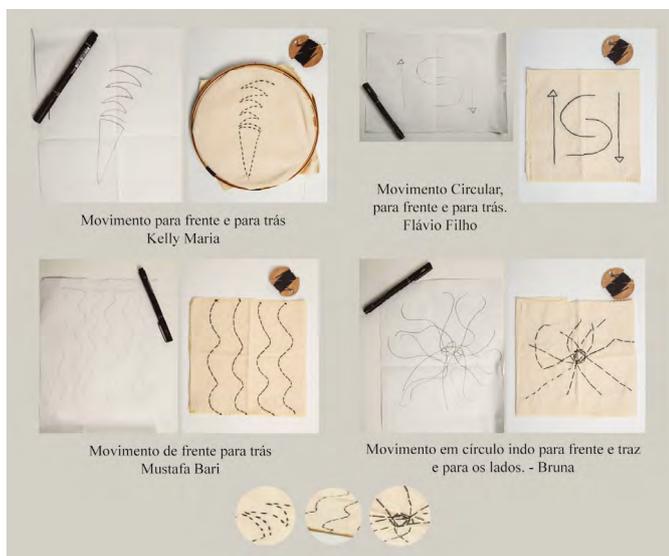
No primeiro encontro se discutiu o texto “Brincando com as sensações do corpo” (Jalles & Araújo, 2011), resultado de um trabalho pedagógico desenvolvido com uma turma de 21 crianças, de 2 ou 3 anos de idade, do Núcleo de Educação da Infância (NEI) do Colégio de Aplicação da Universidade Federal do Rio Grande do Norte (CAp/UFRN). Esta pesquisa sistematizou as ações expressas pelo corpo, por entender ser essa a linguagem inicial da criança.

Todas as ações tiveram por base vivências voltadas a seus objetivos, que eram: a) conhecer o próprio corpo; b) explorar algumas habilidades físicas, motoras e perceptivas do próprio corpo; c) estabelecer os cuidados com o corpo; e d) construir laços de afetividade. A prática pedagógica apresentada teve início com conversas em roda, nas quais se discutiam questões relativas às primeiras ideias sobre o corpo, seguidas por três vivências cujos propósitos eram a ampliação da percepção sobre o próprio corpo, a percepção do próprio corpo e dos colegas e a compreensão do cuidado com o próprio corpo, finalizando o processo com um sarau musical em celebração.

Com vistas a estabelecer um paralelo entre as experiências realizadas com as crianças no texto mencionado, realizamos uma vivência de meditação para que cada discente pudesse entrar em contato com as sensações de seu próprio corpo e do movimento interno constante, mesmo quando estamos fisicamente parados. Na sequência, solicitou-se que representem graficamente usando apenas os elementos gráficos básicos da linha e do ponto, sem recorrer a formas.

Os alunos apresentaram dificuldade para se concentrar em meditação; por outro lado, constatou-se surpreendente capacidade de partilhar o vivido, inclusive graficamente. Chamou atenção o fato de que, mesmo diante das mesmas sensações, as expressões gráficas eram únicas, singulares. Raras foram as repetições de desenhos.

**Figura 2** – Resultados da 1ª vivência



Fonte: Acervo pessoal das autoras.

No segundo encontro houve retrospectiva da aula anterior e discutiram-se textos da obra *As cirandas de ontem e de hoje* (Haes, 2012). O capítulo V, “Os protótipos das formas de cirandas e seus efeitos na vida futura”, aborda o que o autor denomina *tríade de forma e movimento* dessas atividades lúdicas compostas por brincadeiras de roda, *brincadeiras face a face* e *brincadeiras de comboio*. As brincadeiras de roda evocam a capacidade do círculo de manter um caráter protetor, tranquilo; as brincadeiras face a face, ou de “vaivém”, enfatizam o ritmo da pulsação e respiração presente em todos os movimentos da Terra, bem como a relação social humana; já o movimento de comboio desenvolve o pensar lógico. Aliada aos movimentos de ciranda, a música adquire maior importância à medida que ilumina o amplo conteúdo de imagens dessa atividade, revelando o conteúdo imagético em si (Haes, 2012).

O capítulo IX, “Ritmo e religião”, por sua vez, também discorre sobre o ritmo nas atividades lúdicas e seus efeitos quando em contato precoce para a criança e nos cultos:

O que seria o mundo sem esse ritmo divino? Rítmica é a batida cardíaca do universo, do desenvolvimento e dos eventos do universo em sua totalidade. Ritmicamente transcorre o caminhar do sol, da lua, dos planetas seguindo suas trajetórias celestes; ritmicamente se sucedem as estações do ano. O ritmo pulsa no sangue e na alma humana, ondula em tudo que é vivo, em tudo quanto é arte e também na cheia e na vazante das marés. É desse modo que para nós se revela o caráter verdadeiramente grandioso do ritmo em tudo que se desenvolve física e espiritualmente e também naquilo que pode conduzir ao mais elevado e também

---

ao mais oculto: o Cristo que, de forma abençoante, vive nos ritmos benéficos (Haes, 2012, p. 168).

A partir da discussão dos textos de Haes (2012) foram realizadas vivências de ciranda de nossa infância, sendo os discentes convidados a partilhar as sensações e os sentimentos que evocavam. Esse foi um momento especial de interculturalidade, visto que vários alunos eram de origem africana.

Escolhemos algumas cirandas para executar em sala de aula, com especial atenção ao sentir e identificar o movimento e o ritmo de cada um de nós e do outro no grupo. Dois círculos foram montados, um contido no outro, que giraram em sentido horário e anti-horário. Na sequência houve partilha das sensações, recorrendo ao desenho como meio facilitador. Chamou nossa atenção o fato dos alunos terem expressado sentir a energia gerada pelo grupo em movimento circular, indo ao encontro do que afirma o autor quanto ao caráter protetor do círculo, bem como a *tranquilidade paterna que envolve o abraço* (Haes, 2012).

Diante das vivências, dessa vez, o convite se referia a executar o bordado em bastidor, cujo formato circular refletia a forma da experiência, dessa vez com a inserção do elemento cor. Nessa etapa foram apresentados teoricamente elementos gráficos que podiam auxiliar a representação do movimento e ritmo, tendo como fundamento a teoria da Gestalt, segundo a qual temos um movimento natural de continuidade e fechamento das formas observadas.

A Gestalt, após sistemáticas pesquisas, apresenta uma teoria nova sobre o fenômeno da percepção. Segundo essa teoria, o que acontece no cérebro não é idêntico ao que acontece na retina. A excitação cerebral não se dá em pontos isolados, mas por extensão. Não existe, na percepção da forma, um processo posterior de associação das várias sensações. A primeira sensação já de forma, já é global e unificada (Gomes, 2004, p. 19).

Levamos nossas tarefas de conclusão dos bordados para casa, devendo apresentá-los em nosso último encontro, no qual avaliamos a proposta e conversamos acerca da experiência da prática pedagógica, partilhando as impressões, as dificuldades e os possíveis reflexos nas práticas pedagógicas individuais dos discentes, bem como elaboramos a exposição dos trabalhos dos bordados em bastidor.

**Figura 3** – Resultados da 2ª vivência



Fonte: Acervo pessoal das autoras.

A experiência vivida em sala de aula indicou que, quando saímos da busca obstinada pelo realismo gráfico, o desenho se apresenta mais fluido, dinâmico e singular.

## Conclusões

Em nosso último encontro, solicitamos aos alunos que respondessem um questionário aberto sobre os desafios da proposta, como avaliavam os resultados, a possibilidade de inserção da proposta em sua prática pedagógica e como avaliavam a didática. Eis os depoimentos de alguns alunos que nos ajudaram a avaliar o que se realizou em sala de aula:

*[...] de acordo com a metodologia usada, podemos desenvolver muitas coisas para sala de aula, coordenação, organização, desempenho...* (Discente A)

*[...] didática acessível e inovadora. Uma experiência de expansão de conhecimentos.* (Discente B)

*Acredito que essa metodologia é muito importante para o processo de aprendizagem, utilizando em várias formas, disciplinas, como ferramenta pedagógica.* (Discente C)

*[...] foi uma proposta que podemos levar para salas de aula para desenvolver habilidade das crianças e acreditar no seu potencial para vencer os desafios.* (Discente D)

*Foi excelente. Além de ser a primeira vez que temos contato com o bordado em sala de aula numa disciplina, ele também ajudou na compreensão das vivências e na interpretação do movimento do nosso corpo. Foi a junção de teoria e prática pela arte.* (Discente E)

---

Nesse sentido, avaliamos os resultados de modo positivo e constatamos a importância de trazer novas práticas de ensino, especialmente em uma disciplina do curso de Graduação em Pedagogia, ou seja, na formação de professores que podem ampliar o conhecimento em uma grande rede de ensino.

Os resultados da experiência ao aliar conhecimento teórico, vivência corporal dos conteúdos e expressão gráfica dos sentimentos e sensações na educação de adultos, demonstraram a crescente necessidade de buscar metodologias capazes de integrar os aspectos sensíveis da formação humana à prática pedagógica.

Ao longo da experiência de estágio docente, pudemos realizar parte da prática almejada no projeto de pesquisa em nível de Mestrado, consolidando conhecimentos e, ao mesmo tempo, percebendo que nem sempre as atividades ocorrem como planejado, mas isso não diminui sua riqueza. Os resultados foram satisfatórios e, com frequência, tivemos que afastar a sombra da frustração, decorrente de certa rigidez e da necessidade de controlar a turma e o processo como um todo, o que se tornava quase impossível na dinâmica da sala de aula.

Foram elaborados planos de aula que consistiam em estabelecer a proposta que seria levada à turma mediante o texto escolhido para discussão, os meios utilizados, o desafio posto e a vivência, entretanto, na prática, tivemos que ir buscando flexibilidade e adaptação às novas realidades. Aspectos não considerados vinham à tona e resultados não esperados proporcionavam novos aprendizados. Ao fim da experiência docente, tornamos-nos mais conscientes da necessidade de respeitar o movimento singular de aprendizagem do aluno, mesmo nos momentos em que se recusa a participar.

Presenciar, realizar e vivenciar uma proposta de trabalho pedagógico que busca não só a transmissão de conteúdo, mas a formação de professores mais conscientes de si, proporcionou um grande aprendizado, tendo em vista nossa formação predominantemente acadêmica. Desenvolver uma metodologia que alie a busca pela expressão gráfica da experiência e o sentido das vivências em sala de aula por meio do bordado se mostrou uma grata surpresa.

## Referências bibliográficas

Alegre, S. P. (1988). *Arte e ofício de artesão: histórias e trajetórias de um meio de sobrevivência* (Dissertação de Mestrado). São Paulo, SP: Universidade de São Paulo.

Blot, B. (1982). O desenho na escola primária. In L. Poucher (Org.), *Educação artística: luxo ou necessidade?* (pp. 108-131). São Paulo, SP: Summus.

Cortella, M. S (1998). *A Escola e o Conhecimento: fundamentos epistemológicos e políticos*. São Paulo: Cortez-Instituto Paulo Freire.

- 
- Gomes, J., Filho (2004). *Gestalt do objeto: sistema de leitura visual da forma*. São Paulo, SP: Escrituras.
- Haes, U. (2012). *As cirandas de ontem e de hoje*. São Paulo, SP: Antroposófica.
- Jalles, A. F., & Araújo, K. B. (2011). *Arte e cultura na infância*. Natal, RN: Ed. UFRN.
- Ligieiro, Z (2011). *Corpo a corpo: estudo das performances brasileiras*, Rio de Janeiro: Garamond.
- Ostrower, F. (1977). *Criatividade e processos de criação*. Rio de Janeiro, RJ: Imago.
- Read, H. (1986). *A redenção do robô: meu encontro com a educação através da arte*. São Paulo, SP: Summus.
- Steiner, R. (2012). *Os doze sentidos e os sete processos vitais: conferência proferida em Dornach (Suíça), em 12 de agosto de 1916*. São Paulo, SP: Antroposófica.

---

## Para citar este artigo:

### **Norma A – ABNT**

FERNANDES, D.; RAMOS, J. F. P. Entre movimentos, linhas e formas: o bordado na prática docente. *Conhecer: Debate entre o Público e o Privado*, v. 9, n. 23, p. 165-179, 2019.

### **Norma B – APA**

Fernandes, D., & Ramos, J. F. P. (2019). Entre movimentos, linhas e formas: o bordado na prática docente. *Conhecer: Debate entre o Público e o Privado*, 9(23), 165-179.

### **Norma C – Vancouver**

Fernandes D, Ramos, JFP. Entre movimentos, linhas e formas: o bordado na prática docente. *Conhecer: Debate entre o Público e o Privado* [Internet]. 2019 [cited Ago 1, 2019];9(23):165-179. Available from: <https://revistas.uece.br/index.php/revistaconhecer/article/view/1284>